



O TRONO DE FOGO



RICK RIORDAN

AUTOR DA SÉRIE *PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS*



LIVRO DOIS

O
TRONO DE
FOGO

RICK RIORDAN

TRADUÇÃO DE DÉBORA ISIDORO



Copyright © 2011 Rick Riordan
Edição em português negociada por intermédio de
Nancy Gallt Literary Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL.

TÍTULO ORIGINAL

The Throne of Fire

TRADUÇÃO

Débora Isidoro

PREPARAÇÃO

Leonardo Alves

REVISÃO

Milena Vargas

Carolina Rodrigues

REVISÃO DE EPUB

Luana Gonçalves

GERAÇÃO DE EPUB

Simplíssimo

E-ISBN

978-85-8057-120-2

Edição digital: 2011

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRINSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



*Para Conner e Maggie, a grande equipe
de irmãos da família Riordan.*

Sumário

Aviso

1. Diversão com combustão espontânea
2. Domesticamos um beija-flor de três mil quilos
3. O sorveteiro trama nossa morte
4. Um convite de aniversário para o Armagedom
5. Aprendo a realmente odiar besouros
6. Uma banheira de pássaros quase me mata
7. Um presente do garoto com cabeça de cachorro
8. Grandes atrasos na estação de Waterloo (Desculpem-nos pelo babuíno gigante)
9. Fazemos um passeio com o deficiente vertical pela Rússia
10. A visita de um velho amigo vermelho
11. Carter faz algo incrivelmente estúpido (e ninguém se surpreende)
12. Domino a fina arte de dizer nomes
13. Um demônio entra em meu nariz
14. Na tumba de Zia Rashid
15. Camelos são maus...
16. ... Mas não tão maus quanto os romanos
17. Menshikov contrata um esquadrão da morte alegre
18. Jogando na véspera do Juízo Final
19. A vingança de Alceu, o deus alce
20. Visitamos a casa da hipopótama prestativa
21. Ganhamos algum tempo

22. Amigos nos lugares mais estranhos
23. Damos uma festa louca em casa
24. Faço uma promessa impossível

Nota do autor

Glossário

Outros termos egípcios

Deuses e deusas egípcios mencionados em *O trono de fogo*

AVISO

Esta é a transcrição de um arquivo de áudio. Carter e Sadie Kane tornaram-se conhecidos por uma gravação que recebi no ano passado e transcrevi no livro A pirâmide vermelha. Este segundo registro chegou a minha casa logo após a publicação do primeiro, então suponho que os Kane confiam em mim o suficiente para que eu continue a contar sua história. Se este relato for verídico, os novos acontecimentos só podem ser descritos como alarmantes. Pelo bem dos Kane, e do mundo, espero que tudo não passe de ficção. Caso contrário, estamos todos muitíssimo encrencados.



C
A
R
T
E
R

1. Diversão com combustão espontânea

AQUI É CARTER.

Olhe, não temos tempo para apresentações longas. Preciso contar esta história depressa, ou vamos todos morrer.

Se você não ouviu nossa primeira gravação, então... muito prazer: os deuses egípcios estão circulando no mundo moderno; um grupo de magos chamado Casa da Vida está tentando detê-los; todo mundo me odeia e odeia Sadie; e uma serpente enorme está prestes a engolir o Sol e destruir o mundo.

[Ai! Por que você fez isso?]

Sadie acabou de me dar um soco. Ela diz que vou assustar você demais. Preciso parar, me acalmar e recomeçar do início.

Está bem. Mas, na minha opinião, você *deveria* ficar assustado.

O objetivo deste relato é fazer com que todos saibam o que realmente está acontecendo e como tudo deu errado. Você vai ouvir muitas pessoas falando mal de nós, mas não provocamos aquelas mortes. Quanto à serpente, também não tivemos culpa. Bem... não exatamente. Todos os magos do mundo *precisam* se unir. É nossa única chance.

Então, aqui vai a história. Decida você mesmo. Tudo começou quando incendiamos o Brooklyn.

O trabalho deveria ser simples: entrar sorrateiramente no Museu do Brooklyn, pegar emprestado um certo artefato egípcio e sair sem ser capturado.

Não, não era roubo. Íamos devolver o artefato em algum momento. Mas acho que parecíamos mesmo suspeitos: quatro garotos no telhado do museu vestidos de preto, como ninjas. Ah, e um babuíno também vestido como ninja. *Definitivamente* suspeito.

A primeira coisa que fizemos foi mandar os recrutas Jaz e Walt abrirem a janela lateral, enquanto Khufu, Sadie e eu examinávamos a grande cúpula de vidro no centro do telhado, por onde pretendíamos sair.

A opção não parecia muito boa.

Já tinha escurecido havia tempo, e o museu deveria estar fechado. Em vez disso, a cúpula brilhava iluminada. Lá dentro, doze metros abaixo, centenas de pessoas em smokings e vestidos de gala conversavam e dançavam em um salão do tamanho de um hangar de avião. Uma orquestra tocava, mas o vento uivando em meus ouvidos e meus dentes batendo não me deixaram ouvir a música. Eu estava congelando em meu pijama de linho.

Magos precisam vestir linho porque esse tecido não interfere na magia, o que, provavelmente, é uma tradição muito boa para o deserto egípcio, onde raramente chove ou faz frio. No Brooklyn, em março... não é bem assim.

Minha irmã, Sadie, não parecia se incomodar com o frio. Ela abria os cadeados da cúpula enquanto murmurava uma música qualquer que ouvia no iPod. Fala sério, quem leva a própria trilha sonora quando vai invadir um museu?

Ela estava vestida como eu, mas calçava coturnos. Seus cabelos louros tinham mechas vermelhas — muito discretos para uma missão sigilosa. Com seus olhos azuis e a pele clara, ela não era nada parecida comigo, o que nós dois achávamos ótimo. É sempre bom ter a opção de negar que a garota maluca ao lado é sua irmã.

— Você disse que o museu estaria vazio — reclamei.

Sadie não me ouviu. Puxei seus fones de ouvido e repeti.

— Bem, *deveria* estar.

Ela vai negar isso, mas, depois de morar nos Estados Unidos por três meses, seu sotaque britânico já está desaparecendo.

— O site dizia que fecha às cinco. Como eu ia saber que haveria um casamento?

Um casamento? Olhei para baixo e vi que Sadie tinha razão. Algumas mulheres usavam vestidos de dama de honra cor de pêssego. Em uma das mesas havia um bolo enorme de vários andares. Dois grupos de convidados tinham erguido o noivo e a noiva em cadeiras e os carregavam pelo salão enquanto os amigos dançavam e aplaudiam numa roda. A cena toda sugeria um desastre mobiliário iminente.

Khufu bateu no vidro. Mesmo com as roupas pretas, era difícil para ele se camuflar nas sombras por causa do pelo dourado, sem mencionar o focinho e o traseiro multicoloridos.

— *Agh!* — ele grunhiu.

Como era um babuíno, isso podia ter qualquer significado, desde *Veja, tem comida lá embaixo a Este vidro está sujo* ou *Aquelas pessoas estão fazendo coisas idiotas com cadeiras*.

— Khufu tem razão — Sadie interpretou. — Vai ser difícil passarmos despercebidos pela festa. Se fingirmos que somos faxineiros, talvez...

— É claro — eu disse. — “Com licença. Quatro garotos passando com uma estátua de três toneladas. Vamos apenas fazê-la flutuar até o telhado. Não se incomodem conosco.”

Sadie revirou os olhos. Ela empunhou sua varinha — um bastão encurvado de marfim entalhado com imagens de monstros — e a apontou para a base da cúpula. Um hieróglifo dourado brilhou e o último cadeado se abriu.

— Bem, se não vamos usar isto aqui como saída — ela disse —, por que a estou abrindo? Não poderíamos simplesmente sair por onde entrarmos... pela janela lateral?

— Já disse, a estátua é *enorme*. Não vai passar pela janela. Além do mais, o sistema de segurança...

— Vamos tentar amanhã à noite, então? — ela perguntou.

Balancei a cabeça.

— Amanhã todas as peças da exposição serão encaixotadas e despachadas.

Ela levantou as sobrancelhas daquele seu jeito irritante.

— Talvez se alguém tivesse *avisado* há mais tempo da necessidade de roubarmos essa estátua...

— Deixe para lá.

Eu sabia onde a conversa acabaria, e passar a noite inteira no telhado discutindo com Sadie não ia ajudar em nada. Ela estava certa, claro. Eu não a prevenira com muita antecedência. Mas, ei... minhas fontes não eram exatamente confiáveis. Após semanas pedindo ajuda, eu havia enfim conseguido uma dica de meu amigo Hórus, o deus falcão da guerra, que falara em meus sonhos: *Ah, a propósito, aquele artefato que você queria, que pode ser fundamental para salvar o planeta... Está no Museu do Brooklyn há trinta anos, mas amanhã será despachado para a Europa, então é melhor se apressar! Você terá cinco dias para descobrir como usá-lo, ou estaremos todos condenados. Boa sorte!*

Eu poderia ter gritado com ele por não ter me avisado antes, mas não faria diferença alguma. Os deuses só falam quando querem, e não têm muita noção do tempo dos mortais. Eu sabia disso porque havia hospedado Hórus em minha mente alguns meses antes. Eu ainda tinha alguns de seus hábitos antissociais, como o desejo ocasional de caçar pequenos roedores peludos ou de desafiar pessoas à morte.

— Vamos seguir o plano — Sadie disse. — Entramos pela janela lateral, encontramos a estátua e a levitamos salão afora. Vamos pensar em algum jeito de passar pela festa de casamento quando chegar a hora. Talvez possamos distraí-los.

— Distraí-los? — repeti, franzindo a testa.

— Carter, você se preocupa demais — ela disse. — Vai ser brilhante. A menos que você tenha outra ideia.

O problema era que... eu não tinha.

Você pode achar que a magia torna tudo mais fácil. Na verdade, é mais comum que ela complique as coisas. Há sempre um milhão de motivos para esse ou aquele feitiço não funcionar em certas situações. Ou então pode haver outro tipo de magia atrapalhando... como os encantamentos de proteção em torno do museu.

Não sabíamos ao certo quem os lançara. Talvez algum funcionário do museu fosse um mago disfarçado, o que não seria incomum. Nosso próprio pai havia usado seu título de Ph.D. em egiptologia como disfarce para ter acesso a artefatos. E o Museu do Brooklyn tem a maior coleção de pergaminhos de magia egípcia do mundo. Por isso nosso tio Amós instalara

seu quartel-general no bairro. Muitos magos podiam ter motivos para proteger os tesouros do museu, cercá-los com armadilhas.

Qualquer que fosse o caso, as portas e as janelas estavam protegidas por maldições bem poderosas. Não podíamos abrir um portal mágico dentro da exposição, nem usar nossos *shabti* de busca — as estátuas mágicas de argila que nos ajudavam em nossa biblioteca — para buscar o artefato de que precisávamos.

Precisaríamos entrar e sair da maneira mais difícil; e, se cometêssemos um engano, não haveria como saber que tipo de maldição poderíamos desencadear: monstros guardiões, pragas, fogo, burros explosivos (não ria; eles são terríveis).

A única saída sem armadilha era a cúpula do salão. Aparentemente, os guardiões do museu não haviam se preocupado com a possibilidade de ladrões fazerem levitar algum artefato por uma passagem doze metros acima do chão. Ou talvez na cúpula *houvesse* uma armadilha, mas era algo escondido demais para vermos.

De qualquer maneira, precisávamos tentar. Só tínhamos aquela noite para roubar — desculpe, *pegar emprestado* — o artefato. Depois teríamos cinco dias para descobrir como usá-lo. Eu adoro prazos.

— Então, seguimos em frente e improvisamos? — Sadie perguntou.

Olhei lá embaixo, para a festa de casamento, esperando que não acabássemos arruinando a noite especial daquelas pessoas.

— Acho que sim.

— Maravilha — disse Sadie. — Khufu, fique aqui e vigie. Abra a cúpula quando nos vir subindo, está bem?

— *Agh!* — respondeu o babuíno.

Minha nuca formigou. Eu tinha a sensação de que aquele roubo *não* seria uma maravilha.

— Certo — eu disse a Sadie. — Vamos ver como Jaz e Walt estão se saindo.

Descemos pela parede externa até o peitoril do terceiro andar, onde ficava a coleção egípcia.

Jaz e Walt haviam cumprido sua parte com perfeição. Eles prenderam com fita adesiva quatro estátuas dos Filhos de Hórus em volta da janela e

pintaram hieróglifos na vidraça para neutralizar os feitiços e o sistema de alarme dos humanos.

Quando Sadie e eu aterrissamos perto deles, os dois pareciam estar em uma conversa séria. Jaz segurava as mãos de Walt. Aquilo me surpreendeu, mas Sadie ficou ainda mais surpresa. Ela deu um gritinho estranho e agudo, como o de um rato sendo pisado.

[Sim, você emitiu. Eu estava lá.]

Por que Sadie se importaria? Bem, logo depois do Ano-novo, quando nós dois enviamos o sinal luminoso de nosso amuleto *djed* para atrair crianças com potencial mágico até nosso quartel-general, Jaz e Walt foram os primeiros a responder. Eles vinham treinando conosco havia sete semanas, mais tempo que todos os outros, então acabamos conhecendo-os muito bem.

Jaz era uma líder de torcida de Nashville. Seu apelido era abreviação de Jasmine, mas nem pense em chamá-la pelo nome, a menos que queira ser transformado em um arbusto. Jaz tinha uma beleza comum a líderes de torcida loiras — não fazia muito meu tipo —, mas era impossível não gostar dela, porque era simpática com todos e estava sempre disposta a ajudar. Também tinha talento para magias de cura, então era ótimo tê-la por perto caso algo desse errado, o que acontecia comigo e com Sadie mais ou menos noventa e nove por cento das vezes.

Naquela noite ela cobrira os cabelos com uma bandana preta. Levava a tiracolo sua bolsa de magia, na qual havia o símbolo da deusa leoa Sekhmet.

Quando Sadie e eu pousamos perto deles, ela dizia a Walt:

— Vamos dar um jeito.

Walt parecia constrangido.

Ele era... bem, como descrever Walt?

[Não, Sadie, obrigado. Não vou dizer que ele é *gato*. Espere sua vez.]

Walt era um garoto de dezesseis anos, porém alto o bastante para parecer um atleta de faculdade. Seu porte físico reforçava isso — esguio e musculoso —, e os pés do cara eram muito grandes. Sua pele era marrom-café, um pouco mais escura que a minha, e o cabelo raspado bem curto parecia uma sombra em sua cabeça. Apesar do frio, ele vestia camiseta preta sem mangas e short — roupa incomum para um mago, mas ninguém

discutia com Walt. Ele havia sido o primeiro aprendiz a chegar até nós, vindo lá de Seattle, e era um *sau* nato, um produtor de amuletos. Em seu pescoço havia diversas correntes de ouro com amuletos mágicos que ele mesmo fizera.

Enfim, eu tinha bastante certeza de que Sadie gostava de Walt e estava com ciúmes de Jaz, embora ela nunca fosse admitir nada disso porque havia passado os últimos meses se lamentando por causa de outro cara — um deus, na verdade — de quem estava a fim.

[Tudo bem, Sadie. Não vou falar nisso agora. Mas notei que você não negou.]

Quando interrompemos a conversa dos dois, Walt rapidamente largou as mãos de Jaz e se afastou dela. Sadie alternava o olhar entre um e outro, tentando entender o que acontecia ali.

Walt pigarreou.

— A janela está pronta.

— Ótimo. — Sadie olhou para Jaz. — O que você quis dizer com “vamos dar um jeito”?

Jaz abriu a boca, mas as palavras não saíram.

Walt respondeu por ela:

— Você sabe. O *Livro de Rá*. Vamos dar um jeito de decifrá-lo.

— É! — disse Jaz. — O *Livro de Rá*.

Eu sabia que estavam mentindo, mas decidi que não era da minha conta se eles se gostavam. Não tínhamos tempo para drama.

— Tudo bem — eu disse, antes que Sadie pudesse exigir explicação melhor. — Vamos começar a brincadeira.

A janela se abriu com facilidade. Nenhuma explosão mágica. Nenhum alarme. Respirei aliviado e entrei na ala egípcia, imaginando que talvez tivéssemos uma chance de cumprir a missão, afinal.

Os artefatos egípcios despertavam em mim todo tipo de recordação. Até o ano anterior, eu tinha passado boa parte da vida viajando pelo mundo com meu pai, que ia de museu em museu fazendo palestras sobre o Egito Antigo. Isso foi antes de eu descobrir que ele era um mago — antes de ele libertar um bando de deuses e nossa vida ficar complicada.

Agora eu não conseguia olhar para qualquer arte egípcia sem me sentir ligado àquilo. Estremeci quando passamos por uma estátua de Hórus: o deus com cabeça de falcão que habitara meu corpo no último Natal. Passamos por um sarcófago e me lembrei de como Set, o deus do mal, aprisionara nosso pai em um caixão dourado no British Museum. Em todos os lugares havia imagens de Osíris, o deus da morte, com sua pele azul, e pensei em como meu pai se sacrificara para se tornar seu novo hospedeiro. Naquele momento, em algum lugar no reino mágico do Duat, nosso pai era o rei do mundo inferior. Nem consigo descrever como é esquisito ver uma pintura de cinco mil anos de um deus egípcio azul e pensar: *É, esse é meu pai.*

Todos os artefatos pareciam lembranças de família: uma varinha igual à de Sadie; uma imagem dos monstros serpentes-leopardo que tinham nos atacado uma vez; uma página de *O livro dos mortos* mostrando demônios que havíamos conhecido pessoalmente. E lá estavam os *shabti*, estatuetas mágicas que ganhavam vida quando invocadas. Alguns meses antes eu tinha me apaixonado por uma garota chamada Zia Rashid, e depois descobri que ela era um *shabti*.

Estar apaixonado pela primeira vez já tinha sido uma situação muito difícil. Mas perceber que a garota de quem eu gostava era de argila e vê-la se quebrar diante de meus olhos... bem, isso dá um novo significado à expressão “coração partido”.

Atravessamos a primeira sala, que tinha um grande mural com o zodíaco egípcio pintado no teto. Dava para ouvir a festa no grandioso salão ao final do corredor, à nossa direita. Música e risos ecoavam pelo prédio todo.

Na segunda sala egípcia nós paramos diante de um friso de pedra do tamanho de uma porta de garagem, entalhado com a imagem de um monstro pisoteando humanos.

— Isso é um grifo? — perguntou Jaz.

— É. Uma versão egípcia — confirmei.

O animal tinha corpo de leão e cabeça de falcão, mas suas asas não eram parecidas com as que víamos na maioria das imagens de grifos. Em vez de asas como as de um pássaro, as do monstro ficavam na parte superior das costas — longas e horizontais, eriçadas como pincéis de aço virados de cabeça para baixo. Se o monstro pudesse voar com aquelas coisas, eu

imaginava que elas se moveriam como as asas de uma borboleta. O friso já fora colorido. Notei traços de vermelho e dourado na pele da criatura; mas, mesmo sem cor, o grifo tinha um aspecto sinistramente vivo. Seus olhos redondos pareciam me seguir.

— Grifos eram guardiões — eu disse, lembrando uma história que meu pai me contara certa vez. — Protegiam tesouros e coisas do tipo.

— Fabuloso — respondeu Sadie. — Então quer dizer que eles atacavam... ah, por exemplo, *ladrões*, que invadiam museus e roubavam artefatos?

— É só um friso — eu disse.

Mas duvido que tenha feito alguém se sentir melhor. A magia egípcia era baseada em transformar palavras e imagens em realidade.

— Ali. — Walt apontou para o outro lado da sala. — É aquilo, não é?

Contornamos o grifo a uma boa distância e nos aproximamos da estátua no centro da sala.

O deus devia ter dois metros e meio de altura. Era esculpido em pedra preta e estava vestido no típico estilo egípcio: peito nu, saiote e sandálias. Tinha rosto de carneiro e chifres um pouco desgastados devido ao passar dos séculos. Na cabeça havia uma coroa em formato de *frisbee* — um disco solar com serpentes entrelaçadas. Na frente do deus havia uma estátua humana muito menor. O deus estava com as mãos na cabeça do carinha, como se o abençoasse.

Sadie estreitou os olhos para enxergar a inscrição. Desde que hospedara o espírito de Ísis, deusa da magia, ela havia adquirido uma habilidade impressionante em ler hieróglifos.

— KNM — ela leu. — Acho que se pronuncia *Khnum*. Rima com *cabum*?

— Sim — concordei. — Essa é a estátua de que precisamos. Hórus me contou que nela está o segredo para encontrarmos o *Livro de Rá*.

Infelizmente, Hórus não fora muito específico. Agora que tínhamos encontrado a estátua, eu não fazia a menor ideia de como ela poderia nos ajudar. Analisei atentamente os hieróglifos na esperança de encontrar uma pista.

— Quem é o carinha na frente? — Walt perguntou. — É uma criança?

Jaz estalou os dedos.

— Não, eu me lembro disso! Khnum fazia humanos em um torno de oleiro. É isso o que ele está fazendo, aposto: criando um humano de argila.

Ela olhou para mim, esperando uma confirmação. A verdade era que eu havia esquecido aquela história. Sadie e eu deveríamos ser os professores, mas Jaz com frequência se lembrava de mais detalhes que eu.

— Sim, muito bom — eu disse. — Homem de argila. Exatamente.

Sadie olhou intrigada para a cabeça de carneiro de Khnum.

— É parecido com aquele desenho animado... Alceu, não é? Podia ser o deus alce.

— Ele não é o deus alce — falei.

— Mas se estamos procurando o *Livro de Rá* — ela retrucou —, e Rá é o deus *sol*, por que estamos procurando um alce?

Sadie às vezes é irritante. Já falei isso?

— Khnum era uma das aparências do deus sol — expliquei. — Rá tinha três personalidades diferentes. Ele era Khepri, o deus escaravelho, de manhã; Rá durante o dia; e Khnum, o deus com cabeça de carneiro, ao pôr do sol, quando ia para o mundo inferior.

— Isso é confuso — disse Jaz.

— Nem tanto — Sadie respondeu. — Carter tem diferentes personalidades. Ele passa de zumbi de manhã a lesma de tarde e...

— Sadie — eu a interrompi —, cale a boca.

Walt coçou o queixo.

— Acho que Sadie tem razão. É um alce.

— *Obrigada* — ela respondeu.

Walt sorriu para minha irmã sem muito entusiasmo, mas ainda parecia preocupado, como se algo o incomodasse. Notei que Jaz o estudava com uma expressão apreensiva e fiquei me perguntando sobre o que eles haviam conversado antes.

— Chega de alce — eu disse. — Precisamos levar a estátua para a Casa do Brooklyn. Ela tem algum tipo de pista...

— Mas como vamos encontrá-la? — Walt perguntou. — E você ainda não nos disse por que precisamos tanto encontrar o *Livro de Rá*.

Eu hesitei. Havia muitas coisas que ainda não tínhamos contado a nossos aprendizes, nem mesmo a Walt e a Jaz — por exemplo, a possibilidade de o mundo acabar dali a cinco dias. Esse tipo de informação pode tirar a concentração de uma pessoa em treinamento.

— Explico quando voltarmos — prometi. — Por enquanto, vamos pensar em como carregar a estátua.

Jaz franziu as sobrancelhas.

— Duvido que caiba na minha bolsa.

— Ah, quanta preocupação — Sadie disse. — Vejam, podemos lançar um feitiço de levitação na estátua. E desviar a atenção de todos, para tirá-los do salão...

— Esperem. — Walt se inclinou e examinou a figura humana menor. O carinha sorria, como se estar sendo fabricado a partir de argila fosse incrivelmente divertido. — Ele está usando um amuleto. Um escaravelho.

— É um símbolo comum — eu disse.

— É... — Walt passou os dedos pela própria coleção de amuletos. — Mas o escaravelho é um símbolo do renascimento de Rá, não é? E esta estátua mostra Khnum criando uma nova vida. Talvez não precisemos da estátua inteira. Talvez a pista esteja...

— Ah... — Sadie sacou a varinha. — Brilhante!

Eu estava prestes a dizer “Sadie, não”, mas era óbvio que isso teria sido inútil. Sadie nunca me escuta.

Ela tocou o amuleto do carinha. As mãos de Khnum brilharam. A cabeça da estátua menor se dividiu em quatro partes, como a abertura de um silo de lançamento de mísseis, e do pescoço saiu um rolo de papiro amarelado.

— *Voilà* — Sadie disse, orgulhosa.

Ela enfiou a varinha na bolsa e segurou o papiro no mesmo instante em que gritei:

— Pode ter alguma armadilha!

Como já comentei, Sadie nunca me escuta.

Assim que ela tirou o rolo da estátua, a sala inteira estremeceu. Rachaduras surgiram no vidro das vitrines.

Sadie deu um grito quando o papiro em sua mão explodiu em chamas. O fogo não parecia queimar o papel nem machucá-la; mas quando ela tentou apagá-lo, sacudindo o papiro, chamas brancas fantasmagóricas pularam para a vitrine mais próxima e correram pela sala, como se seguissem um rastro de gasolina. O fogo tocou as janelas e hieróglifos brancos se acenderam no vidro, provavelmente ativando um monte de maldições e encantamentos de proteção. Depois o fogo fantasma chegou ao grande friso na entrada da sala. A pedra tremeu violentamente. Eu não conseguia ver os entalhes do outro lado, mas ouvi um grito rouco — como o de um papagaio bem grande e furioso.

Walt pegou o cajado que levava preso às costas. Sadie sacudia o papiro incandescente como se ele estivesse grudado em sua mão.

— Tirem essa coisa de mim! Isso não é *nem um pouco* minha culpa!

— *Hum...* — Jaz pegou a varinha dela. — Que barulho foi esse?

Meu coração disparou.

— Acho que Sadie acaba de encontrar a grande distração que ela queria — respondi.



C
A
R
T
E
R

2. Domesticamos um beija-flor de três mil quilos

ALGUNS MESES ANTES A situação teria sido diferente. Sadie poderia ter dito uma única palavra e causado uma explosão de proporções militares. Eu poderia ter invocado um avatar mágico de guerra, e quase nada teria sido capaz de me derrotar.

Mas isso era quando estávamos completamente unidos aos deuses: Hórus comigo, Ísis com Sadie. Abrimos mão desse poder porque era perigoso demais. Até que soubéssemos controlar melhor nossas habilidades, hospedar deuses egípcios poderia nos enlouquecer ou literalmente nos consumir.

Agora tínhamos apenas nossa magia limitada. Assim era mais difícil fazer coisas importantes — como sobreviver quando um monstro ganhava vida e queria nos matar.

O grifo emergiu por inteiro. Tinha o dobro do tamanho de um leão comum, e seu pelo ouro-avermelhado estava coberto de poeira de calcário. A cauda era revestida de penas pontiagudas que pareciam ser duras e afiadas como punhais. Em um movimento rápido, ele pulverizou a pedra da qual havia saído. As asas arrepiadas agora estavam erguidas e eretas em suas costas. Quando o grifo se movia, elas batiam tão depressa que zuniam e formavam um borrão, como se fossem as asas do maior e mais perverso beija-flor do mundo.

O grifo cravou os olhos famintos em Sadie. Chamas brancas ainda envolviam a mão dela e o rolo de papiro, e o monstro parecia considerar a cena uma espécie de desafio. Eu já havia escutado muitos gritos de falcão — ei, eu já *fui* um falcão uma ou duas vezes —, mas quando aquela coisa abriu

o bico, soltou um guincho que fez tremerem as janelas e deixou meu cabelo em pé.

— Sadie — falei —, solte o papiro.

— Oi! Está preso em minha mão! — ela protestou. — E estou pegando fogo! Eu já mencionei isso?

Focos do fogo fantasma queimavam em todas as janelas e artefatos. O papiro parecia ter ativado todos os reservatórios de magia egípcia naquela sala, e eu tinha bastante certeza de que isso era ruim. Walt e Jaz estavam paralisados, em choque. Acho que eu não podia culpá-los. Esse era seu primeiro monstro de verdade.

O grifo deu um passo na direção de minha irmã.

Fui para o lado dela e realizei a única magia que ainda dominava. Fiz minha espada — um *khopesh* egípcio com uma lâmina curva como um gancho e terrivelmente afiada — surgir do nada, evocando-a do Duat.

Sadie parecia bem inofensiva com a mão e o papiro em chamas, como uma Estátua da Liberdade entusiasmada demais, mas com a outra mão ela conseguiu evocar sua principal arma de ataque — um cajado de um metro e meio de comprimento entalhado com hieróglifos.

— Alguma dica sobre como lutar contra grifos? — ela perguntou.

— Evitar as partes afiadas? — sugeri.

— Brilhante. Muito obrigada.

— Walt — chamei. — Confira aquelas janelas. Veja se consegue abri-las.

— M-mas... mas estão amaldiçoadas.

— Sim — eu disse. — E, se tentarmos sair pelo salão, o grifo vai nos comer antes de chegarmos lá.

— Vou conferir as janelas.

— Jaz — eu disse —, ajude Walt.

— Aquelas marcas no vidro — Jaz murmurou. — Eu... eu já vi antes...

— Ajude-o! — insisti.

O grifo avançou, suas asas zunindo como motosserras. Sadie arremessou seu cajado, e ele se transformou em um tigre ainda no ar, chocando-se contra o grifo com as garras à mostra.

O grifo não se abalou. Jogou o tigre para o lado e em seguida se moveu com velocidade extraordinária, abrindo absurdamente o bico. SNAP. O grifo engoliu e arrotou, e o tigre sumira.

— Aquele era meu cajado preferido! — Sadie gritou.

O grifo se virou para mim.

Segurei minha espada com força. A lâmina começou a brilhar. Pensei que teria sido bom se a voz de Hórus ainda estivesse em minha cabeça, me orientando. Ter um deus da guerra pessoal facilita quando é preciso fazer coisas ridiculamente corajosas.

— Walt! — chamei. — Algum progresso com a janela?

— Estou tentando — ele disse.

— E-espere... — Jaz pediu, nervosa. — Aqueles são símbolos de Sekhmet. Walt, pare!

Então, muitas coisas aconteceram ao mesmo tempo. Walt abriu a janela, e uma onda de fogo branco voou para cima dele, derrubando-o no chão.

Jaz correu para seu lado. O grifo imediatamente perdeu o interesse em mim. Como qualquer bom predador, ele focou o alvo em movimento — Jaz — e investiu contra ela.

Corri atrás dele. Mas, em vez de pegar nossos amigos, o grifo levantou voo acima de Walt e de Jaz e se jogou contra a janela. Jaz tirou Walt do caminho enquanto o grifo enlouquecia, debatendo-se e bicando as chamas.

Ele estava tentando *atacar* o fogo. O grifo bicou o ar, girou e derrubou a vitrine com os *shabti*. Sua cauda esmagou um sarcófago, partindo-o em pedaços.

Não sei bem o que deu em mim, mas gritei:

— Pare com isso!

O grifo ficou imóvel. Ele olhou em minha direção, crocitando irritado. Uma cortina de fogo branco escapou para um canto da sala, quase como se estivesse se reagrupando. Então notei outras chamas se unindo, criando formas incandescentes que pareciam vagamente humanas. Uma delas olhou diretamente para mim, e senti uma inconfundível aura de maldade.

— Carter, continue chamando a atenção dele. — Sadie parecia não notar as formas do fogo. Seus olhos ainda estavam fixos no grifo enquanto

ela retirava do bolso um pedaço de barbante mágico. — Se eu conseguir chegar perto o bastante...

— Sadie, espere. — Tentei entender o que acontecia. Walt estava deitado de costas, tremendo. Seus olhos brilhavam com uma luz branca, como se o fogo tivesse possuído o garoto. Jaz estava ajoelhada a seu lado, murmurando um feitiço de cura.

— GRAAA! — o grifo grasnou, em um tom queixoso, como se pedisse permissão; como se estivesse *obedecendo* a minha ordem de parar, mas não gostasse dela.

As silhuetas de fogo estavam se tornando mais brilhantes, mais sólidas. Contei sete figuras incandescentes, formando lentamente pernas e braços.

Sete figuras... Jaz dissera algo sobre os símbolos de Sekhmet. O medo me invadiu quando percebi que tipo de maldição protegia o museu. A libertação do grifo fora apenas um acidente. Esse não era o verdadeiro problema.

Sadie jogou seu barbante.

— Espere! — gritei, mas era tarde demais. O barbante mágico chicoteou no ar, crescendo até se transformar em uma corda enquanto voava na direção do grifo.

Ele grasnou indignado e saltou na direção das silhuetas incandescentes. As criaturas de fogo se espalharam, e começou uma brincadeira de aniquilação.

O animal voou velozmente pela sala, suas asas zuniam. Vitrines de vidro se estilhaçaram. Alarmes feitos por mortais dispararam. Eu gritei para o grifo parar, mas dessa vez foi inútil.

Pelo canto do olho, vi Jaz cair, talvez pelo esforço de seu feitiço de cura.

— Sadie! — gritei. — Ajude-a!

Sadie correu para perto de Jaz. Eu fui atrás do grifo. Devia parecer um completo idiota vestido com pijama preto, carregando uma espada reluzente, tropeçando em artefatos quebrados e gritando ordens para um gato-beija-flor gigante.

E quando eu pensava que a situação não poderia piorar, meia dúzia de convidados da festa entraram na sala atraídos pelo barulho. Todos olhavam para a cena boquiabertos. Uma mulher de vestido cor de pêssego berrou.

As sete criaturas de fogo branco avançaram nos convidados, que desmaiaram imediatamente. As chamas seguiram adiante, serpeando pela parede rumo ao salão. O grifo voou atrás delas.

Virei-me para olhar para Sadie, ajoelhada ao lado de Jaz e de Walt.

— Como eles estão?

— Walt está acordando — ela respondeu —, mas Jaz apagou.

— Venha atrás de mim quando puder. Acho que consigo controlar o grifo.

— Carter, você ficou *maluco*? Nossos amigos estão feridos e tenho um rolo de papiro em chamas grudado na mão. A janela está aberta. Venha me ajudar a tirar Walt e Jaz daqui!

Ela estava certa. Aquela podia ser nossa única chance de tirar nossos amigos dali com vida. Mas agora eu também compreendia o que eram aquelas sete chamas, e sabia que, se eu não fosse atrás delas, muitas pessoas inocentes iriam se machucar.

Resmunguei uma praga egípcia — do tipo palavrão, não do tipo magia — e corri para a festa de casamento.

O salão estava um caos. Convidados corriam em todas as direções, gritando e derrubando mesas. Um cara de smoking havia caído no bolo e engatinhava pela sala com o enfeite do casal de plástico grudado no traseiro. Um músico tentava correr com o pé enfiado em um tambor.

As chamas brancas estavam sólidas o suficiente para que eu pudesse distinguir suas formas — algo entre canina e humana, com braços longos e pernas tortas. Brilhando como gás superaquecido, elas corriam pelo salão, contornando as pilastras ao redor da pista de dança. Uma delas passou através de uma dama de honra. Os olhos da moça ficaram brancos, e ela caiu no chão tossindo e tremendo.

Eu mesmo sentia vontade de me encolher. Não conhecia feitiços que pudessem enfrentar aquelas coisas, e se uma delas me tocasse...

De repente o grifo desceu do nada, seguido de perto pela corda mágica, que ainda tentava prendê-lo. Ele partiu uma criatura de fogo em uma só bicada e continuou voando. Colunas de fumaça brotavam de suas narinas, mas, fora isso, comer o fogo branco não parecia incomodá-lo.

— Ei! — gritei.

Percebi meu engano tarde demais.

O grifo se virou para mim, o que o fez reduzir a velocidade o suficiente para que a corda mágica de Sadie se enrolasse em suas pernas traseiras.

— SQUANNNNK!

O grifo caiu sobre a mesa do bufê. A corda ficou mais comprida e envolveu o corpo do monstro enquanto suas asas velozes destruíam a mesa, o chão e pratos de sanduíche, como se fosse um triturador de madeira desgovernado.

Os convidados começaram a sair do salão. A maioria deles correu para os elevadores, mas vários estavam inconscientes ou em convulsão, e seus olhos brilhavam com uma luz branca. Outros haviam sido soterrados por pilhas de escombros. Alarmes soavam, e as chamas brancas — seis agora — ainda estavam completamente descontroladas.

Corri para o grifo, que rolava tentando em vão morder a corda.

— Acalme-se! — gritei. — Deixe-me ajudar você, idiota!

— FREEEEK!

A cauda do grifo passou por cima de minha cabeça, tão perto que quase me decapitou.

Respirei fundo. Eu era principalmente um mago de combate. Nunca fui bom em feitiços com hieróglifos, mas apontei minha espada para o monstro e disse:

— *Ha-tep*.

Um hieróglifo verde — o símbolo para *Fique em paz* — brilhou no ar, bem na ponta de minha espada:



O grifo parou de se debater. O zumbido das asas diminuiu. Caos e gritos dominavam o salão, mas tentei permanecer calmo ao me aproximar do monstro.

— Você me reconhece, não? — Estendi a palma da mão e outro símbolo brilhou, um que eu sempre podia invocar: o Olho de Hórus.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "TRONO DE FOGO, O"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).